



A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA SOCIAL NA PRODUÇÃO DE JORNAL ESCOLAR: ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO

Vanessa Wendhausen Lima¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, do ponto de vista da Análise Crítica de Gênero (BONINI, 2011), a relação entre gênero e prática social em jornal escolar produzido por alunos de uma turma de correção de fluxo dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Tubarão, SC. Esta pesquisa é um excerto de um projeto de letramento aplicado em virtude da tese de doutorado da autora e o objeto produzido, um jornal escolar, pretendia favorecer e/ou estimular o compromisso do aluno com sua própria aprendizagem. Para além disso, a produção deste jornal escolar pretendia identificar de que forma os estudantes se engajariam em um projeto que os levaria a refletir sobre temas que não costumam ser utilizados pelos livros escolares. Tendo em vista a influência da prática social na produção de gênero, este artigo demonstra que um gênero produzido em sala de aula sofre a ação das crenças, histórias, valores e identidades dos indivíduos produtores. Os resultados sugerem, de um lado, que a prática social influencia a produção do gênero jornal escolar e não pode ser excluída do processo de análise genérica; e, de outro, considerando que o gênero é uma materialização discursiva, através do trabalho com gêneros na escola é possível atingir e provocar transformações na dinâmica de funcionamento social dos discursos. O jornal escolar visto como um gênero, demonstra que a escola deve se posicionar para além do estabelecimento de regras de ensino e entender que as influências extraescolares podem estar bem mais presentes do que se previa.

Palavras-Chave: Jornal Escolar. Prática Social. Análise Crítica do Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Desenvolver a escrita em ambiente escolar tem se mostrado cada vez mais uma tarefa árdua para professores e alunos. Isso tem acontecido não só pela forma como as novas gerações tem lidado com seu próprio aprendizado ou com o gerenciamento do alto fluxo de informação com o qual convivem, mas também por entenderem que os métodos de ensino já não se mostram eficientes em comparação com o acesso fácil ao banco de dados da internet.

No entanto, todo o acesso à informação não será suficiente se o indivíduo não souber o que fazer com isso. Tendo em vista que o funcionamento da escrita

¹ Doutora em Ciências da Linguagem. Professora da Faculdade SATC. E-mail: vwlima@gmail.com



não se refere apenas aos aspectos do “saber ler e escrever”, mas que está mais para o domínio do funcionamento da linguagem como um todo, um dispositivo social que produz sentido mediante as atividades dos sujeitos, modifica-se e influencia os aspectos da vida social, é relevante refletir sobre essa dinâmica de existência da linguagem. Contudo, é preciso entender que linguagem “em movimento” é discurso e uma das formas de manifestações discursivas é o gênero.

O gênero sofre e apresenta influências diversas, entre elas, a exercida pelo discurso que, por sua vez, pode ser considerado um dos momentos da prática social, aquela que movimenta e regula o funcionamento da sociedade. O momento da produção de um gênero não pode ser suficientemente entendido se a análise estiver limitada ao textual. É preciso considerar as relações dialógicas que envolvem o gênero e, sobretudo, quais os aspectos dessas relações influenciam e se manifestam na produção.

Pensando nesses aspectos, uma análise crítica de gênero deve ir além do textual, tomando como central a relação entre o gênero e a prática social. Essa relação é um dos aspectos centrais do quadro teórico-metodológico da Análise Crítica de Gênero (BONINI, 2011), que fundamenta essa pesquisa e evidencia a necessidade de uma visão crítica perante a relação linguagem-sociedade, assumindo uma perspectiva de “crítica” discursiva utilizando-se de pressupostos pertencentes ao quadro teórico da Análise Crítica do Discurso, de Fairclough (2008/1992, 2003) e de alguns aspectos do enunciado e dos Gêneros do Discurso, de Bakhtin (2004/1979, 2011/1953).

Tendo em vista o problema de pesquisa estabelecido aqui, como se dá uma produção de jornal escolar numa turma de correção de fluxo de ensino fundamental, esta pesquisa toma o gênero jornal escolar como objeto de ensino e de análise, incentivando o protagonismo escolar, abrindo espaço para a autoria discente e para a educação crítica. Assim, o objetivo dessa pesquisa é produzir e analisar criticamente uma produção de jornal escolar realizada por alunos do ensino fundamental. Produzido por uma turma de correção de fluxo² dos anos finais do

² Por turmas de correção de fluxo denominam-se projetos das secretarias estaduais de educação que tem por objetivo corrigir a disparidade idade/série de alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental. Essas turmas costumam reunir estudantes que apresentaram histórico de reprovações e, por isso, apresentam também uma idade superior aos colegas de turmas regulares.



ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Tubarão, SC, este jornal escolar se configura como um projeto de letramento.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO

É possível perceber que a Análise Crítica de Gêneros, conforme proposto por Bonini (2011), se apresenta como um quadro teórico-metodológico que busca entender a dinâmica de funcionamento dos gêneros. Isso significa pensar, também, naquilo que influencia os gêneros que circulam socialmente, quais práticas sociais podem impulsionar o surgimento ou o apagamento de um gênero e de que forma os discursos se fazem presentes na constituição genérica.

Gêneros não surgem do vazio, mas sempre de uma relação de interação com outros gêneros e com outros aspectos do contexto que abrigam esses gêneros. Responsáveis por organizar a comunicação humana, o funcionamento dos gêneros depende tanto de outros gêneros, quanto das estruturas que regulam sua circulação e, por consequência, da forma como os sujeitos estabelecem contato com esses gêneros. Os sujeitos, por sua vez, só têm a possibilidade de conhecer e de dominar a utilização dos gêneros, porque os gêneros contam com suportes físicos e sociais que permitem sua existência e sua circulação social.

Segundo Bonini (2011), os gêneros se constituem através de relações dialógicas e interdependentes estabelecidas com outros gêneros, com as práticas sociais e discursivas, com as estruturas sociais e com o discurso. Essas relações podem estar restritas ao campo do enunciado ou ampliadas ao âmbito do discurso e das estruturas sociais. São essas relações que o quadro conceitual, conforme Figura 1, permite entender e analisar.

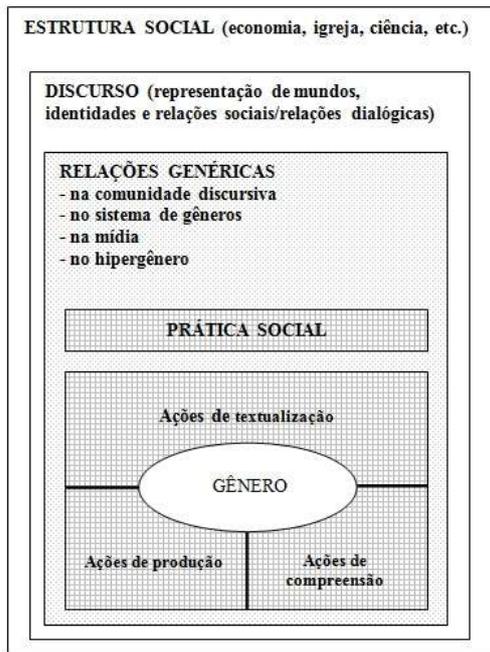


Figura 1: Planos da análise de gêneros e da análise do discurso
Fonte: Bonini (2011, p. 690)

Os sujeitos produtores/receptores envolvidos com o gênero estão envolvidos também em uma série de ações que podem ser relativas às ações de produção, ações de compreensão e ações de textualização. Tais ações dizem respeito àquilo que os sujeitos produtores/receptores precisam acionar quando chamados à produção, textualização e compreensão de um gênero, por exemplo: os conhecimentos sobre o gênero e seus objetivos; o conhecimento de mundo necessário para a textualização ou a identificação do público receptor e do que ele espera compreender desse gênero. Essas ações provocam um resultado a que se pode chamar de prática social do gênero.

O gênero está imerso em práticas sociais que lhe são inerentes e que determinam sua forma, seu conteúdo, a maneira como os sujeitos o (re)produzem e o compreendem. Essa relação dialógica é um fator constitutivo do gênero, evidenciando que um gênero está sempre conectado a outro, que uma prática discursiva está sempre ligada à outra, interferindo-se e influenciando-se mutuamente. Para entender o gênero sob esse viés, é preciso entender como essas relações se estabelecem como fortes influências na formação do gênero e do discurso.



Essa relação de constituição é essencial, pois, em alguns casos, os gêneros nem existiriam se não fossem alguns elementos (o suporte e a mídia, por exemplo), isto é, sem estes, os gêneros não poderiam circular ou seriam completos desconhecidos dos sujeitos. Essa relação de interação entre os gêneros e esses elementos, segundo Bonini (2011), pode ser chamada de relação genérica e podem ocorrer de quatro formas: com o hipergênero, com a mídia, com o sistema de gêneros e com a comunidade discursiva.

O gênero pode se relacionar com um hipergênero, uma espécie de agrupamento de gêneros, onde as produções genéricas simplesmente acontecem em conjunto. Conforme Bonini (2011, p. 691), essa produção pode ocorrer num agrupamento, que permite formar “uma unidade de interação maior (um grande enunciado)”, como o jornal, por exemplo. A mídia, por sua vez, é uma “forma tecnológica material de mediação da interação linguageira, sendo que ela constitui-se de um ou mais suportes e apresenta uma forma característica de organização, produção e recepção” (BONINI, 2011, p. 693). A relação com a mídia é essencial, tendo em vista que, segundo o autor, é a mídia que põe o gênero em circulação e, ainda, organiza os sujeitos produtores/receptores através do cenário espaço-temporal dos gêneros. Ainda segundo o autor, “gêneros e hipergêneros se ajustam às formas de produção e recepção possibilitadas pela mídia”. Os gêneros, com suas práticas discursivas, tanto quanto os sujeitos que os produzem/recebem, precisam se ajustar às possibilidades midiáticas para que possam entrar e se manter em circulação social. Por isso, esta é outra das relações que constituem e, de alguma forma, determinam o gênero.

Quanto ao sistema de gêneros, conceito proposto por Bazerman (2006), Bonini (2011, p. 693) declara que “os gêneros podem ser vistos como elementos de uma sequência de práticas e ações sociais [...] [em que] um gênero cria condições para existência de outro”. Já no que se refere à comunidade discursiva, conceito proposto por Swales (1990), “os gêneros em uma comunidade discursiva, estão a serviço de uma hierarquia de membros que, juntos, realizam um conjunto de práticas sociais também hierarquizadas” (BONINI, 2011, p. 693).

Outro possível nível de análise, conseguinte às relações genéricas, refere-se às relações do plano do discurso. Para o autor, gêneros são materializações do discurso, assim como as práticas sociais imersas nos gêneros também influenciam



os discursos. Por último, aparecem as relações no plano da estrutura social. “As instituições (como a igreja, a economia e a ciência) constituem tanto os discursos quanto as práticas sociais e são, ao mesmo tempo, por esses constituídas” (BONINI, 2011, p. 694).

Segundo Bonini, seu quadro conceitual permite, quando observado numa perspectiva ascendente, a possibilidade de uma análise que parta do gênero rumo ao discurso, construindo uma análise crítica de gêneros. O contrário também é possível: numa perspectiva descendente, permite construir um caminho para a análise crítica do discurso. Ao optar pela análise crítica de gêneros como fundamento teórico-metodológico para este trabalho, entendo a necessidade de traçar uma rota possível que vá além do textualmente explícito e busque identificar e refletir sobre as assimetrias de poder que influenciam a constituição dos gêneros e dos discursos.

3 O GÊNERO JORNAL ESCOLAR

Há três possibilidades de definição para o jornal: como um suporte textual, como uma mídia (devido ao seu status social adquirido) ou como um gênero. Para se definir o jornal como um gênero (pensamento assumido neste trabalho) é preciso elencar os aspectos em que se baseia essa caracterização. De acordo com Bonini (2008, p. 35) “há motivos para se considerar o jornal um gênero [...] porque [este] preenche quesitos como propósitos comunicativos próprios, organização textual característica e produtores e receptores definidos”. Partindo desse pensamento, classifico o jornal escolar como um gênero por encontrar nas edições analisadas algumas das características elencadas.

O propósito comunicativo do jornal escolar é um dos itens que permitem fomentar regularidades que o caracterizem como gênero. Num jornal convencional, basicamente, seu propósito comunicativo está relacionado, conforme Bonini (2001), às ações de noticiar, opinar, criticar. Esse propósito pode ser tomado como um dos aspectos que permite a identificação de um jornal como tal. É preciso ressaltar que a utilização do conceito “propósito comunicativo” vem de Bonini (2001, 2008) e, assim como o autor não utiliza esse conceito em seus trabalhos mais



recentes, este trabalho também não pretende fazer referência aos estudos da área que veem o gênero como realizador de um propósito comunicativo.

No que se refere ao jornal escolar, opto por pensar em “objetivo” do gênero jornal escolar que é, além de se configurar como um instrumento de ensino e de aprendizagem, é promover a interação discente e incentivar os estudantes a assumirem uma posição mais central em seu processo de aprendizagem escolar. Em essência, o objetivo desse gênero, apesar de algumas vezes parecer se perder ao longo da produção, é incentivar a prática de escrita autoral pelos estudantes. No entanto, não é difícil destacar que o jornal escolar possa assumir alguns aspectos que contemplam os mesmos propósitos comunicativos do jornal convencional, como noticiar, criticar ou opinar, entretanto, um objetivo ideal para o jornal escolar é dar prioridade à interação discente, a fim de evitar que a produção se torne escolarizada.

Além do propósito comunicativo, um jornal pode ser considerado um gênero por apresentar uma organização textual característica que pode ser encontrada em diversos exemplares de jornal (escolares ou convencionais). Esta organização pode ser marcada pela presença de itens como o cabeçalho, a chamada, a manchete e/ou a fotografia. Esses itens dispostos e agrupados num conjunto de páginas que formam uma unidade costumam levar a uma identificação no público consumidor: trata-se de um jornal. Tem sido possível perceber que essas características podem ser estendidas ao jornal escolar, tendo em vista que este último ainda busca se legitimar como jornal escolar, ao assumir características comuns ao jornal convencional.

Outro aspecto que permite que o jornal seja pensado como um gênero é o fato de que este serve como um agregador de outros gêneros. É um aspecto que, além de definir sua organização característica, o estabelece como um jornal, pois este não seria um jornal se não trouxesse notícias ou reportagens, se não apresentasse um cabeçalho ou um expediente, se não tivesse um caderno (de algum tema específico, como o de esportes ou o de classificados) ou a seção de carta do leitor. A presença recorrente desses gêneros faz do jornal um hipergênero, isto é, um gênero que abriga outros gêneros. Esses gêneros agrupados, assim como outros itens presentes no jornal, tais como os aparatos de edição, são os responsáveis por fornecer uma organização textual característica e, por isso,



permitem sua identificação não apenas como um jornal, mas como um hipergênero. No quadro a seguir, é possível ver os gêneros e aparatos elencados por Bonini (2008) como elementos frequentes no jornal.

Gêneros		Aparatos de Edição	
<u>Presos:</u> Editorial Carta do leitor Expediente Chamada Índice Cabeçalho	<u>Livres:</u> Notícia Nota Crítica Comentário Opinião Reportagem Entrevista Claquete	Manchete Lide Lista Painel Chapéu Olho Tabela Gráfico Citação	Exemplo Perfil Selo

Figura 2: Gêneros e aparatos de edição do jornal
Fonte: Bonini (2001)

Este jornal escolar pode ser caracterizado como gênero porque apresenta alguns dos elementos acima. Um primeiro aspecto a ser considerado é a presença de itens de paginação. A inserção de números de página na publicação auxilia a transformar uma coleção independente de textos e folhas em uma unidade caracterizada por um projeto de dizer.

Prefeitura de Tubarão Secretaria de Desenvolvimento Social Rua Lauro Müller, 500. Centro. Telefones: (48)3906-1036/3906-1037 E-mail: social@tubarao.sc.gov.br Atendimento: das 13 às 19 horas.	Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE Av. Marcolino M. Cabral, 1788. Centro. Telefones: (48)3626-8113/3626-8287 E-mail: cieetubarao@cieesc.org.br
---	---

Ainda tem dúvidas?
Fale com uma de **nossas orientadoras e boa sorte!**

1

Figura 3: Exemplo de paginação do Jornal 803 Intensivo

Fonte: Edição n.1 do jornal 803 Intensivo publicada em julho de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Os gêneros que aparecem nessas edições auxiliam a configurar sua organização textual e a concretizar sua definição como hipergênero. Esses gêneros são característicos ao jornal, isto é, aparecem em produtos relacionados ao jornalismo e, geralmente, em locais fixos, a fim de permitir, também, o reconhecimento do público consumidor. Além disso, essa tipificação, pela qual o



gênero passou, faz com que o sujeito, ao pensar em produzir jornal, atribua a ele um aspecto visual recorrente em outros jornais, algo que auxilia no processo de constituição e estruturação do jornal.

Um primeiro aspecto que permite configurar esta produção como gênero jornal é o cabeçalho:



Figura 4: Cabeçalho do Jornal 803 Intensivo

Fonte: Edição n. 1 do jornal 803 Intensivo publicada em julho de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

O cabeçalho costuma aparecer na capa, no topo da página e de maneira que o público consumidor possa percebê-lo imediatamente. O cabeçalho é constituído de informações sobre o jornal, como o título, a data da publicação, o número da edição e a marca de referência (o logotipo) da publicação. No caso do jornal escolar, informa quem esteve envolvido com a produção e traz a informação sobre a escola a que pertencem os produtores dos textos publicados. Neste, produzido pela turma 803 Intensivo, o cabeçalho faz referência ao nome da turma e se repete na segunda edição, conforme figura abaixo:



Figura 1: Cabeçalho da segunda edição do Jornal 803 Intensivo

Fonte: Primeira página da edição n. 2 do jornal 803 Intensivo publicada, em novembro de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Outro gênero que aparece no hipergênero jornal, é o expediente. Presente nos jornais convencionais, o expediente é formado por um conjunto de informações que identificam o jornal, tais como: a listagem da equipe da redação (ao menos a



direção, as chefias e as editorias), os dados de tiragem e de circulação, os endereços e telefones para contato sobre assinaturas e edições anteriores. No jornal escolar, por não ser comercializado (ao menos neste caso), não há informações como telefone de contato para assinaturas ou dados de tiragem. Nessas edições do jornal 803 Intensivo, o expediente também está presente, porém as informações que o constituem, limitam-se a identificar os alunos produtores³ dos textos e o professor responsável pela publicação. Nas duas edições, ele aparece conforme figuras 6 e 7, a seguir:

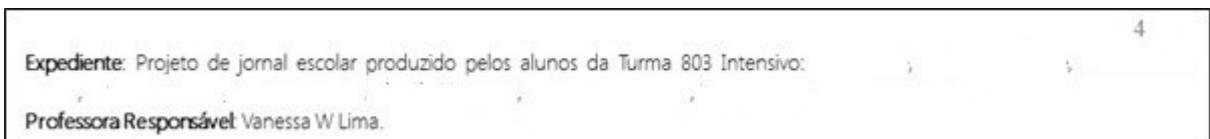


Figura 6: Expediente do Jornal 803 Intensivo

Fonte: Edição n. 1 do jornal 803 Intensivo publicada em julho de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Na primeira edição, o expediente está localizado na página 4. Na segunda, o expediente pode ser encontrado logo na página 1, de acordo com figura 7 abaixo:

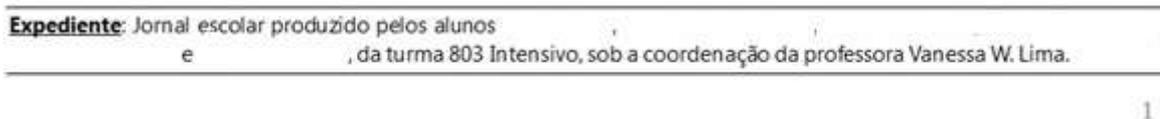


Figura 7: Expediente da segunda edição do Jornal 803 Intensivo

Fonte: Edição n. 2 do jornal 803 Intensivo publicada em novembro de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Outros dois gêneros comuns ao jornal e que também aparecem neste jornal escolar são a notícia e a reportagem. A notícia tem, segundo Bonini (2008, p. 37), “o propósito de relatar um fato/acontecimento”. A definição de reportagem, por sua vez, depende de se olhar para o que é mais característico: a reportagem enfoca assuntos e não eventos.

É possível encontrar nessas edições, alguns exemplos de notícia e de reportagem, mesmo que o ensino desses gêneros não tenha sido contemplado no projeto e, sobretudo, não tenham servido de referência para as produções textuais.

³ Os nomes dos estudantes foram removidos a fim de preservar suas identidades.

A presença desses dois gêneros no jornal escolar é um dos motivos para que o jornal seja considerado um hipergênero.

803 Intensivo doa cestas básicas ao Asilo dos Velhinhos

A turma 803 Intensivo fez uma doação de 03 cestas básicas ao Abrigo dos Velhinhos. Estiveram presentes os alunos e a professora Jussara. A entrega foi realizada em 20 de setembro no próprio Asilo, no bairro São João, em Tubarão. As cestas continham alimentos não perecíveis e produtos de higiene, arrecadados pelos alunos no comércio de Tubarão. A supervisão da escola junto com a professora de Língua Portuguesa da turma, Jussara Bittencourt, combinou a entrega das cestas com a assistente social do Asilo.



História – O Abrigo dos Velhinhos é o único asilo do município de Tubarão. Foi fundado no dia 15 de setembro de 1962 e é mantido pelo Clube das Ladies (grupo de senhoras da cidade). Recebe também doações de empresas da região e comunidade. Vivem no asilo, atualmente, 20 idosos.

O abrigo recebe visitantes, diariamente, das 15 às 17 horas. Grupos maiores devem agendar visita com a assistente social, Gislaine. Mais informações através do (48) 3628-0351 ou pessoalmente na Rua São João, 1125, bairro São João, margem esquerda.

Figura 8: Exemplo de notícia publicada no Jornal Escolar 803 Intensivo

Fonte: Edição n. 2 do jornal 803 Intensivo publicada em novembro de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Considerando que uma notícia é, em essência, o relato de um fato/acometimento, este texto pode ser configurado como o relato de uma coleta e doação de cestas básicas que a turma produtora do jornal realizou no mesmo período da produção da edição. Entretanto, a motivação que levou a tal publicação pode não ter sido o interesse do público leitor pelo assunto. Talvez seja possível pensar que esse interesse pelo tema tenha vindo mais do público produtor, tendo em vista que são eles mesmos os autores da doação. Entretanto, como a questão central aqui é a presença de gêneros que justifiquem a conceituação do jornal como um hipergênero, a relevância da publicação não é algo a ser considerado no momento.

No que se refere à presença do gênero reportagem, nessas duas edições de jornal escolar podem ser encontrados alguns exemplos de reportagens didáticas. No entanto, antes mesmo de elencar alguns desses textos, é preciso destacar que as reportagens produzidas para o jornal 803 Intensivo não serviram como instrumento de ensino do gênero jornalístico reportagem. Conforme dito anteriormente, esta produção de jornal escolar não contemplou o ensino de gêneros jornalísticos. Mas, ainda assim, é possível descrever os textos publicados como semelhantes a reportagens didáticas, tendo em vista que as produções textuais publicadas buscam “explicar um assunto, situação problema ou serviço”

(BONINI, 2008, p. 37). Nas figuras 9 e 10, encontramos as reportagens didáticas produzidas para as duas edições do Jornal 803 Intensivo:

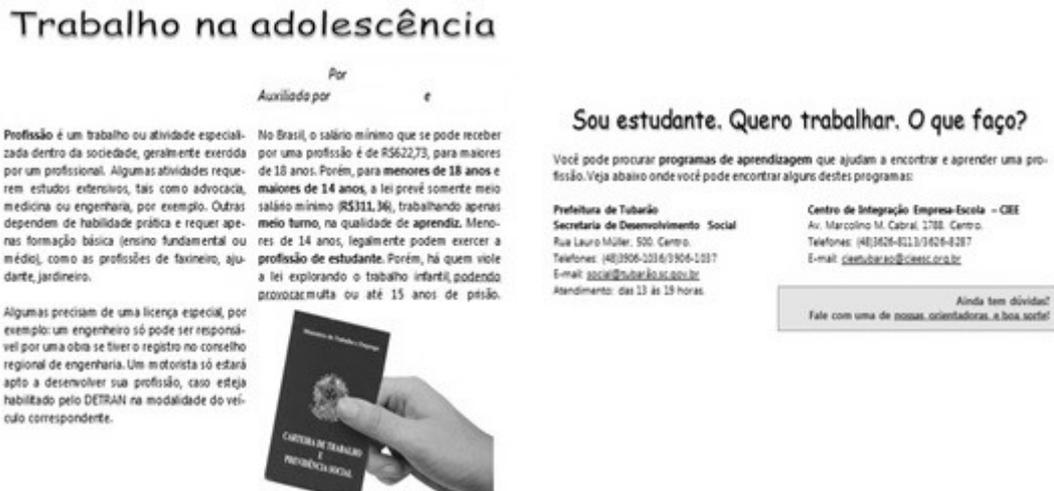


Figura 9: Exemplo de reportagem didática publicada no Jornal 803 Intensivo
Fonte: Reportagem didática publicada na página 1 da edição n. 1 do Jornal 803 Intensivo publicada em julho de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Jogue futebol: faz bem à saúde

Todo mundo fala que a gente tem que fazer atividade física, mas nem sempre a gente tem dinheiro pra pagar uma academia. Hoje vamos falar de uma atividade que pode ser de graça: o futebol. O futebol é um dos esportes mais populares do mundo.

O futebol tornou-se popular graças a seu jeito de jogar: basta uma bola, equipes de jogadores e as traves, para que, em qualquer espaço, crianças e adultos possam se divertir com o futebol. Na rua, na escola, no clube, no campinho do bairro ou até mesmo no quintal de casa, desde cedo jovens de vários cantos do mundo aprendem a jogar bola.

O futebol pode ser jogado de várias maneiras: em quadras de salão ou suíço, e em campos naturais. Pra jogar futebol de areia, salão ou suíço você precisa apenas de 5 pessoas. Para jogar futebol você precisa fazer alguma atividade física como se alongar após a partida de futebol.

Os perigos do sedentarismo

Quando não praticamos exercícios físicos e deixamos o sedentarismo tomar conta de nosso corpo, a capacidade de respiração profunda diminui e o coração e a circulação do sangue para tecidos e órgãos também deixa de funcionar adequadamente. Basta um pouco de esforço para ficar rapidamente cansado e sentir dificuldade até mesmo na execução das tarefas diárias.

Mexa-se!



Os benefícios do futebol para o corpo

Para termos saúde, precisamos praticar alguma atividade física. Mas nem sempre temos dinheiro ou tempo para irmos a uma academia. Você sabia que existem atividades físicas que são grátis e bem fáceis de praticar. O futebol é uma dessas.

Praticar esporte traz muitos benefícios à saúde e o futebol não fica atrás. Outra vantagem de praticar este esporte é ficar com pernas fortes e bonitas. Além disso, o futebol pode ajudar na diminuição de gordura localizada, na manutenção do peso e no aumento da densidade óssea, melhora da resistência cardiovascular.

Primeiro, **visite um médico** e faça um exame físico com detalhes para verificar possíveis problemas de saúde.

Depois, com a ajuda de um profissional de educação física, faça uma **avaliação**, partilhando com ele seus objetivos e necessidades. A partir disso é que se pode definir o plano de exercícios adequado.

É preciso ter **regularidade** e se exercitar por **30 minutos** pelo menos **três vezes por semana**. Em atividades, como a musculação, caso o treino seja diário, será preciso dividir os grupos musculares para não sobre carregar. Não adianta dar o máximo em um dia, e nos próximos quatro dias não se exercitar.

Outro exemplo da presença de reportagem didática no Jornal 803 Intensivo é demonstrado abaixo:

A gravidez na adolescência

Por

A adolescência é uma fase bastante problemática, na maioria das vezes, em razão das descobertas, das ideias opostas às dos pais e irmãos, da formação da identidade, fase na qual as conversas envolvem namoro, brincadeiras e assuntos proibidos. É uma fase do desenvolvimento que está entre a infância e a fase adulta. Muitas alterações são percebidas no corpo humano, nos pensamentos e nas atitudes desses jovens.

A gravidez é o período de crescimento e desenvolvimento de um bebê na mulher e envolve várias alterações. Desde o crescimento do útero e alterações nas mamas as preocupações sobre o futuro da criança que ainda irá nascer. São pensamentos e alterações importantes para o período.

Adolescência e gravidez, quando ocorrem juntas, podem provocar sérias consequências para toda a família, mas principalmente para os adolescentes envolvidos, pois envolvem crises e conflitos. O que acontece é que esses jovens não estão preparados para assumir tamanha responsabilidade, fazendo com que muitos adolescentes saiam de casa, cometam abortos, deixem os estudos ou abandonem as crianças sem saber o que fazer ou fugindo da própria realidade.

A gravidez precoce pode estar relacionada a diferentes fatores, desde estrutura familiar

formação psicológica e baixa autoestima. Por isso, o apoio da família é tão importante, pois a família é a base que poderá proporcionar compreensão, diálogo, segurança, afeto e auxílio para que tanto os adolescentes envolvidos quanto a criança que foi gerada se desenvolvam saudáveis. Com o apoio da família, aborto e dificuldades de amamentação têm seus riscos diminuídos. Alterações na gestação envolvem diferentes alterações no corpo da jovem grávida e sintomas como depressão e mau-humor podem piorar ou melhorar.



Para muitos destes jovens, não há no futuro nem planos de vida. Somado a isso, a falta de orientação sexual e de informações pertinentes, a mídia que passa aos jovens a intenção de sensualidade, libido, beleza e liberdade sexual, além da comum fase de fazer tudo por impulso, sem pensar nas consequências, aumenta ainda mais a incidência de gestação juvenil.

É muito importante que a adolescente faça os exames para ver como o bebê está, para que possa compreender melhor o que está acontecendo com seu corpo, seu bebê, prevenir doenças e poder conversar abertamente com um profissional, tirando as dúvidas que incomodam essas jovens.

Converse com alguém em que você confie!

Figura 11: Exemplo de reportagem didática publicada no Jornal 803 Intensivo
Fonte: Reportagem didática publicada na página 3 da edição n. 1 do Jornal 803 Intensivo publicada em julho de 2012, pelos alunos da turma de correção de fluxo, 803 Intensivo

Os três exemplos de reportagem didática podem demonstrar a presença constante do gênero em questão nas duas edições, tendo em vista que os textos publicados seguem os mesmos padrões.

Os aspectos destacados acima (os gêneros cabeçalho, expediente, notícia, reportagem e o elemento paginação) são frequentemente relacionados ao jornal (BONINI, 2008) e podem ser também relacionados ao jornal escolar analisado aqui. Agrupados numa mesma publicação, eles auxiliam a constituir uma unidade maior, o hipergênero jornal escolar. Esses elementos contribuem para que o jornal assuma uma organização textual específica, uma organização comum à maioria dos jornais.



4 ANÁLISE CRÍTICA JORNAL ESCOLAR

Ao assumir o entendimento de jornal escolar como gênero e, tendo em vista que o gênero pode ser visto como “um conteúdo representacional dinâmico que corresponde a uma forma característica de um texto sob a forma de enunciado” trago os elementos que determinam o enunciado para a discussão, como forma de corroborar a definição de jornal como gênero. Esses elementos são, segundo Bakhtin (2011/1953, p. 275): a) “alternância dos sujeitos do discurso” e, b) a “conclusibilidade”, que pode ser dividida em: “exauribilidade do objeto e do sentido”, “projeto de discurso ou vontade de discurso do falante” e as “formas típicas composicionais e de gênero do acabamento”.

Dessa forma, o jornal escolar caracterizado como enunciado, apresenta uma “alternância dos sujeitos do discurso”, tendo em vista que o jornal escolar apresenta “um modo *dixi* que assinala a alternância de enunciados” e tendo em vista que este jornal escolar possui uma periodização semestral, isso permite que o outro (a comunidade escolar, por exemplo) se manifeste em relação ao seu conteúdo.

Quanto à conclusibilidade do enunciado, referente à “exauribilidade do objeto e do sentido”, este é um aspecto que tende a se mostrar mais abertamente no jornal escolar. Se o jornal escolar é tomado como um enunciado produzido por uma “equipe que expressa todo o conteúdo que pode expressar naquela edição”, é possível pensar na exauribilidade do objeto e do sentido, tendo em vista que é incomum que conteúdos sejam retomados em outras edições e porque, assim, o público consumidor do gênero jornal escolar pode manifestar sua atitude responsiva ativa e, assim, produzir reações que podem levar a novas produções ou à paralisação das publicações.

No que se refere ao “projeto de discurso do falante” no jornal escolar, neste caso, não se pode identificar um intuito através do enunciado, ou seja, dessas edições de jornal escolar. Apesar de ser uma característica esperada de um jornal, este jornal não apresenta uma linha editorial. Ao considerar que não há uma linha editorial clara e definida, seria possível caracterizar esse jornal como uma coleção de textos, entretanto, essa ausência de linha editorial não significa a ausência de um projeto de dizer. Talvez seja possível dizer que o projeto de dizer desse



enunciado esteja relacionado muito mais à tentativa de fornecer alguma visibilidade à turma e a sua produção, que propriamente à função de definir um tema e discuti-lo frente à comunidade escolar.

Quanto às “formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” no enunciado em questão, o que se espera de um jornal escolar é que este apresente elementos que facilitem seu reconhecimento como tal. Esses elementos podem ser uma linha editorial (que representa o projeto de dizer da publicação), ou uma divisão por seções que organizam os textos (como esporte, polícia, comunidade), ou ainda, uma seção de carta do leitor. Alguns elementos podem ser encontrados nos jornais analisados, como o expediente, o cabeçalho, a notícia ou a reportagem. Porém, é clara a ausência de seções, cadernos ou ainda, de chamadas que direcionem a atenção do leitor para o interior da publicação.

A ausência desses elementos evidencia que este jornal escolar é diferente do que se idealiza para uma produção desse tipo, mas essa ausência não é capaz de invalidar a caracterização deste jornal escolar como um gênero constituído por outros gêneros. Itens como o cabeçalho, a paginação, o expediente e a presença de notícias e reportagens são itens suficientes para caracterizá-lo como tal. Além disso, se há um projeto de dizer no enunciado, há um gênero sendo produzido e criando espaço para a circulação de outros gêneros.

Nesse sentido, se nestes jornais escolares existem aspectos capazes de propiciar sua configuração como gênero, também há aspectos ausentes sobre os quais é preciso refletir. Os motivos de essas duas edições de jornal escolar não se assemelham à maioria das produções de jornal escolar estão relacionados ao contexto que envolveu a produção. Naquele momento, por influência das práticas sociais, essa foi a possibilidade de produção.

A produção deste jornal escolar esteve envolvida por práticas sociais que circundam não apenas a realidade local desses estudantes e suas histórias, mas também suas crenças (a de que não sabiam fazer, por exemplo), seus valores (influenciados por uma visão de mundo limitada a suas experiências com este mesmo mundo) e essas influências se mostraram em sua “deficiente” produção de texto.

Quanto à ausência de uma linha editorial, por mais que um dos pontos pensados no projeto inicial fosse um trabalho com um jornal escolar que



apresentasse uma linha editorial definida, com o andamento do projeto e a falta de engajamento dos estudantes ficou clara a dificuldade de definir uma linha editorial, impedindo que o gênero sofresse uma amarração, um acabamento idealizado para uma produção escolar com esta. A produção de textos não se configurou como uma produção de gêneros específicos para o jornal escolar, como tomar a produção de notícias ou de reportagens para as edições como um objetivo do projeto. Isso se deve também à visão que a própria turma tinha sobre si. Essa visão também influenciou na produção do gênero, fazendo com que o projeto passasse por modificações.

Este jornal é diferente do que se espera de um jornal escolar por conta, também, da ausência do trabalho em grupo e da dificuldade em se formar equipes produtoras de textos. O trabalho pautado na produção individual influenciou no projeto de dizer do enunciado, haja vista que, por essa característica, o jornal poderia até ser caracterizado como uma coleção de textos. A prática de trabalhar individualmente é evidenciada nos textos produzidos por apenas um autor, quando uma equipe editorial poderia se responsabilizar pela produção do jornal como um todo.

Assim, o gênero jornal escolar sofreu influências oriundas tanto de práticas sociais externas, no que se refere às minhas falhas e às dificuldades apresentadas pelos estudantes de modo geral, quanto internas, quando o gênero não mostra claramente um projeto de dizer. A ausência de elementos que concretizam o jornal escolar como gênero, por exemplo, também é uma consequência da influência dessas práticas sociais. É possível caracterizá-lo como gênero porque outros gêneros estão presentes na produção, no entanto gêneros essenciais, como o editorial, por exemplo, fazem falta no momento de estabelecer um projeto de dizer para o enunciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção textual em sala de aula deve se configurar como uma forma de agir sobre o mundo em que se vive e permitir que o estudante saia da posição de receptividade que lhe foi imposta e consiga agir como protagonista em seu próprio aprendizado, levando-a a agir também dessa forma no mundo em que vive.



As influências pelas quais um gênero passa estão para além do expresso textualmente, isso porque o gênero está imerso em práticas sociais que lhe são inerentes e que determinam sua forma, seu conteúdo, a maneira como os sujeitos o (re)produzem e o compreendem. Essa relação dialógica é um fator constitutivo do gênero, evidenciando que um gênero está sempre conectado a outro, que uma prática discursiva está sempre ligada à outra, interferindo-se e influenciando-se mutuamente.

O objetivo desse trabalho era o de analisar, do ponto de vista da Análise Crítica de Gênero, a relação entre gênero e prática social em jornal escolar produzido por alunos de uma turma de correção de fluxo dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Tubarão, SC. Essa produção, caracterizada como jornal escolar, apresenta características diferentes do esperado para uma publicação do tipo, porque as práticas sociais nas quais a equipe produtora estava envolvida influenciaram na constituição do gênero jornal escolar. Dessa forma, por mais que uma proposta de ensino de gêneros seja cuidadosamente planejada, o momento da produção genérica será influenciado pela prática social e esta, por sua vez, influenciará o projeto como um todo.

Ao entrar em sala de aula, o professor deve estar atento não só àquilo que se realiza nas aulas, mas às influências extraescolares e sociais como um todo. O gênero é um exemplo de como a estrutura e a prática social influenciam indivíduos, mesmo produções textuais escolares.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011/1953.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006.

BONINI, A. As relações constitutivas entre o jornal e seus gêneros: relato das pesquisas do “Projeto Gêneros do Jornal”. In: BRAGA, Sandro et al (Org.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 21-45.

_____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Referenciação**. Fortaleza: Grupo Prottexto, 2001. 1 CD-ROM.



_____. Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2008/1992.

_____. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.